

Frei Néelson José Junges, OFM

**ESPIRITUALIDADE E
MÍSTICA,
CORPOREIDADE E
SEXUALIDADE**

ICSFA

Frei Néilson José Junges, OFM, é frade menor na Província São Francisco de Assis no Brasil, atuando junto à Fraternidade Cristã de Pessoas com Deficiência (FCD) nos diferentes níveis regional, nacional, continental e intercontinental, desde 1975. Atuou na Equipe de Missões Populares e na Formação dos frades.

FREI NÉLSON JOSÉ JUNGES, OFM

**ESPIRITUALIDADE E MÍSTICA,
CORPOREIDADE E SEXUALIDADE**



ICSFA
2021

Província São Francisco de Assis no Brasil
Av. Juca Batista, 330
Ipanema
91770-000 – Porto Alegre – RS
CNPJ: 35.332.968/0001-08



EQUIPE EDITORIAL

Coordenação: Fr. João Carlos Karling, OFM e Fr. Arno Frelich, OFM

Editoração: Fr. Arno Frelich, OFM e Fr. João Carlos Karling, OFM

Capa: Fr. Arno Frelich, OFM

Revisão: Fr. Plácido Robaert, OFM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J95 Junges, Néelson José, Frei OFM. Espiritualidade e mística, corporeidade e sexualidade. [recurso eletrônico] / Néelson José Junges – Porto Alegre: ICSFA, 2021.

33 p. : il. color.

Dados eletrônicos.

788 kB.

ISBN 978-65-88060-16-2

Modo de acesso:

<https://www.franciscanos-rs.org.br/ebook-espminist>.

1. Espiritualidade. 2. Mística. 3. Corporeidade. 4. Sexualidade. 5. Pessoa com deficiência. 6. Fraternidade Cristã de Pessoas com Deficiência. II. Título.

CDU 248.213 (O.F.M)

Bibliotecária responsável: Andréa Fontoura da Silva – CRB10/1416

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CORPOREIDADE	7
ESPIRITUALIDADE	12
Através da História:.....	14
Busca de caminho	20
ESPIRITUALIDADE E MÍSTICA NA FRATER.....	25
Qual é a nossa Espiritualidade?	27
Qual é nossa Mística?	29
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:.....	32
REFERÊNCIA DAS IMAGENS.....	33



Fonte: <https://blog.avemaria.com.br/blog/santos-da-igreja-espiritualidade/tudo-sobre-sao-francisco-de-assis-61>



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50906016>

INTRODUÇÃO

Sabemos que através da história, na tentativa de entender mais a fundo o ser humano e sua relação com o divino, se buscou estudar separadamente a matéria e o espírito. Este processo levou a uma dissociação. Por uma parte, a ciência fazendo o esforço para conhecer todo o complexo físico e psicológico do ser humano, com a luta para garantir a melhor sobrevivência e a superação das doenças e desequilíbrios de convivência. E, por outra parte, a tentativa de desvendar os ainda mais profundos mistérios da relação com o divino, da espiritualidade, também presentes como necessidade inerente a cada ser humano.

É a profunda busca do ser humano por conhecer a si mesmo, o mundo que o rodeia e, sobretudo, para achar um sentido para sua vida.

Nesse processo os confrontos foram muito fortes e profundos, fazendo com que as teorias se distanciassem e

avançassem separadamente. Na vida prática, porém, é um mesmo ser que busca o conhecimento e o equilíbrio material e espiritual.

Assim estamos conscientes de que a realidade pessoal, a Espiritualidade e a Mística não começam e terminam em cada pessoa, mas produzem uma transformação que começa no interior de cada um e se estende para a comunidade, sociedade, nas relações com o corpo, a natureza e o universo.

É nessa perspectiva que propomos a presente reflexão. Um ensaio que pretende convidar-nos à reunificação de nós mesmos e a redescobrir que o equilíbrio está em crescermos numa unidade de desenvolvimento entre matéria – corpo e sexualidade e espírito-espiritualidade e mística, com todos os condicionantes psicológicos e contextuais que nos envolvem.

CORPOREIDADE

O corpo é o nosso modo de ser no mundo, é um espaço único e insubstituível que nos foi dado. O corpo nos confere uma identidade com nome e referências de lugar e tempo. É no corpo e com o corpo que crescemos como um todo. Por isso o corpo é inteligência, é vontade livre, é capacidade de amar. E é este corpo que revela nossas energias, emoções e capacidades e é nele que sentimos as limitações. No corpo pulsa a vida. Este pulsar de vida é a sexualidade, que concentra a raiz de nossos impulsos e desejos. *A sexualidade leva-nos a buscar o conhecimento de nós mesmos, o sentido para a vida, o cultivo de amizades e de relações, e a buscar a felicidade como desejo último de cada um. A sexualidade se expressa em todo nosso ser e agir como mulher e como varão, e nos impulsiona a viver prazerosamente a vida. Dela decorre a sensualidade que é a vivência da sexualidade através dos sentidos e do prazer.*

A sensualidade faz sentir os prazeres sensuais como comer bem, cheirar deliciosos perfumes, acariciar outros corpos e nosso próprio corpo, escutar música, admirar o belo, sensibilizar-nos com a simplicidade das crianças..., “sentir a partir do coração”... perceber o divino presente na criação. Da sensualidade nasce o cavalheirismo, a delicadeza e a cordialidade. A sensualidade é também uma das vias de manipulação de nossos interesses. Pelo fato de despertar os sentidos, a atenção e a atração cria necessidades tanto de dentro para fora como de fora para dentro. Neste sentido a cultura egocêntrica atual fez perder a compreensão da sexualidade como parte do todo, reduzindo-a aos sentidos e ao prazer físico que se transformou em algo egoísta e dominador no social e em imoralidade no religioso; ao mesmo tempo, essa redução fez perder o senso de realidade e de beleza diversificada, impondo modelos de corpo ideal, com base no consumismo e na manipulação, o que fez aumentar a discriminação e o preconceito com tantos que portam uma diferença mais perceptível em seu corpo.

Precisamos recuperar este entendimento *de sexualidade*, pois toda e qualquer atividade ou intervenção, seja no material ou no espiritual, pressupõe uma aceitação e convivência sadia com o corpo e a sexualidade. Mesmo o mergulho no profundamente espiritual exige estar em paz consigo, acolher as próprias limitações e ter um razoável equilíbrio das emoções para que possa se constituir em uma experiência libertadora. Pela falta de um conceito razoável de si mesmo e de uma serenidade na relação afetiva e sexual, podemos encontrar e mergulhar, muitas vezes, em pseudo-espiritualidades, como fuga para o espiritual, sem conseguir elaborar uma experiência libertadora e nem encontrar no espiritual uma motivação para a comunhão e a soma com as pessoas e a natureza. Toda Espiritualidade e Mística passam pelo corpo. Sexualidade e transcendência se pertencem mutuamente, uma não está completo sem a outra. Assim percebemos que para desenvolver uma sadia Espiritualidade e chegar a transmitir uma Mística é indispensável a harmonia entre corpo, mente e espírito, requer aceitação de nós mesmos como somos e

com as diferenças e as limitações que tivermos, recuperando assim a capacidade de reconhecer e admirar a harmonia e a beleza existentes num corpo ou numa mente com diferenças mais significativas.



Fonte: <https://cffb.org.br/a-fraternidade-na-visao-de-sao-francisco-de-assis/>

ESPIRITUALIDADE

A Espiritualidade consiste em identificar em nós essa sede de infinito e de querer mais, de ir além do que está aí. Vem acompanhado pelo desejo de apropriação em que somos constantemente provocados a nos adonar de coisas e pessoas. O desejo de posse está na relação com as coisas, pessoas, instituições e religiões, mas não mata a sede e a necessidade de espiritualidade, pois faz parte da natureza humana e da felicidade buscar o divino. Os muitos caminhos espirituais revelam também que não há limite para esse universo e que, através da história, muitos e diversos caminhos foram e estão sendo percorridos. É nesse sentido que o aprofundar uma Espiritualidade e Mística requer alguma identificação ou ao menos referência ao divino, não apenas a partir de conceitos externos de religiões ou credences, mas, sobretudo, como busca de resposta às questões fundamentais da nossa existência, tais

como: para que vivemos? qual nosso lugar dentro da criação? ou o que podemos esperar para além desta vida?

A espiritualidade é fonte de esperanças e de dinamismo capaz de estimular, em cada pessoa, forças extraordinárias que serão raiz de energias tanto para viver o cotidiano como para superar barreiras que pareçam intransponíveis, sendo, por isso, aspecto importante e fundamental na busca equilibrada da transformação.

A Espiritualidade e a Mística não são algo desencarnado, mas um aprofundar e um dar sentido à vida no seu todo, por pessoas que vivem em um contexto social e econômico concreto, por isso é a busca concreta de resposta para as questões mais profundas do humano, da sua relação concreta com a natureza, seus semelhantes e o divino, feitos por pessoas que vivem, são um corpo, em uma determinada realidade e cultura. A espiritualidade e a mística serão libertadoras se estiverem enraizadas, pés no chão. Para nós essa realidade é em primeiro lugar, a pessoa com doença crônica ou deficiência e o contexto de dores situadas no conjunto do nosso mundo, considerando causas e

consequências provenientes da cultura elaborada em nosso contexto social e religioso.

Através da História:

É considerada **espiritualidade** aquilo que as pessoas costumam viver no dia a dia da vida, ou seja, através da mortificação do corpo e da sexualidade, viver a retidão de vida, o sentido da solidariedade, o cultivo do espaço sagrado do espírito, tanto nas suas religiões e igrejas como no modo de pensar, agir e interpretar a vida. A espiritualidade é uma das fontes privilegiadas de inspiração do novo, de esperança, de elaboração de um sentido pleno e de capacidade de autotranscendência do ser humano. E segundo Dalai-Lama, “Espiritualidade é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior.” (cf. L. Boff em Espiritualidade, Um Caminho de Transformação, ed. Sextante, Rio – 2001).

Através da história houve, em todas as religiões, pessoas consideradas iluminadas que viveram espiritualidades profundas, com real desapego do corpo, das coisas materiais, da fama e do poder, e que se tornaram mestras, santas, etc... Muitas delas foram, em consequência, consideradas mestras e doutoras e fundaram escolas de espiritualidade nas diferentes religiões e, com isto, muitas vezes as religiões se apropriaram das experiências pessoais para constituí-las em doutrina ou norma, bem como referência na espiritualidade. Temos, portanto, caminhos de espiritualidade bem consagrados e de valiosos conteúdos doutrinários, bem como, de profundo relacionamento com o divino, acompanhados de uma mística de entrega e de doação, capazes de ser caminho de felicidade. O que permanece como desafio é que essas experiências, vividas por alguém, podem ser usadas como referência para um seguimento, mas não podemos excluir a necessidade de cada um dar a sua própria contribuição e fazer, na prática, no seu próprio contexto, responder aos desafios que a vida

apresenta em seu momento, sua própria experiência-encontro com Deus. Não pode ser uma imitação cega e desencarnada ou dependente. Assim, em todas as religiões, temos ótimas lições que podem contribuir num caminho para a comunhão com o transcendente e levar ao encontro de um verdadeiro sentido para a vida.

Grande parte dessas referências não integraram o corpo e a sexualidade de forma consciente, ao contrário, até foram rejeitadas, mas foi no seu corpo e com sua sexualidade não reconhecidas que encontraram forças para toda a sua entrega e opção radical.

A Mística é uma decorrência da espiritualidade, ao menos na concepção histórica da palavra, e tem a ver com a relação da pessoa com o divino, com o modo de perceber o divino e de sentir a sua presença dentro do seu contexto cultural. Há, portanto, diferenças entre místicos orientais e ocidentais, com influências culturais e existenciais próprias a cada um e somadas às suas próprias espiritualidades de origem.

Até pouco tempo, a mística era privilégio de poucos, daqueles que tinham a vontade e a possibilidade de aprofundar-se no religioso e espiritual. Consistia numa certa separação do mundo e superação da materialidade, da corporeidade com tal compenetração no divino que ficasse acima das influências das coisas para estar centrado totalmente, ou ao menos quanto o permite a natureza humana, no divino, mergulhado no mistério que é Deus. Era uma libertação e superação das influências e dependências em relação ao corpo, às coisas e pessoas para, mesmo no contato com elas, não se desviar da comunhão com o divino.

No caminhar da história ampliaram-se as concepções do divino e com ela a compreensão da mística como algo parte do modo de ser humano e de suas relações. Teilhard de Chardin, teólogo cristão, por exemplo, desenvolveu e viveu uma mística a partir da percepção de Deus como criador presente em todas as coisas e pessoas. A relação com esse Deus convida a uma atitude amorosa e a uma sintonia que faz o místico sentir-se parte desse todo,

em perfeita comunhão entre matéria e espírito. A mística de Teilhard se tornou completa, terna e amorosa, a partir de sua relação com o feminino. Toda sua teoria, elaborada através do mergulhar espiritual em Deus e sua criação, encontrou forma e sentido ao aprofundar o sentimento amoroso que acontece na relação apaixonada entre uma mulher e um varão. Estar apaixonado por alguém, e as vibrações que isso desencadeia, é um reflexo real do divino e da paixão pelo divino. Sua tentativa mística foi de entrar no sentido profundo da Encarnação de Deus Filho que, ao encarnar-se, uniu o divino ao humano e o humano ao divino. *O corporal e o espiritual são uma e única realidade, parte do mesmo todo.*

A mística é o reflexo desta compreensão do divino e do humano e vai revelar-se no modo de ser, de entender e de se relacionar.

A Mística pode ser comparada ao sal na comida, não se vê, mas se sente, e quando não está se sente ainda mais; ou como o fermento na massa, não se vê, mas é ele que faz a massa crescer, dando textura e forma ao pão; ou

como o ar que respiramos e que não se vê, mas sem ele não sobrevivemos; ou mesmo como o amor que não se vê, mas que, ao existir, se transmite pela delicadeza, pela ternura, pelo perdão, pela disponibilidade, pelo serviço, pelo carinho, etc...

A Espiritualidade e a Mística não se veem, mas transparecem nas atitudes, se revelam no modo de ser, de agir e de reagir diante das coisas e dos fatos. Revelam-se numa postura ética e no cuidado com o semelhante, com a natureza e toda criação.

E num sentido amplo se entende que há uma mística e um modo próprio de ser em cada conjuntura, tanto de espiritualidade como de política ou de profissão. Por exemplo, há uma mística no exercício do poder, que será diferente se concebido como mando ou como serviço; há uma mística no exercício parlamentar dos políticos que será diferenciado entre exercê-lo para proveito próprio ou como representatividade popular no governo... Assim haverá diferenças entre a mística de uma espiritualidade mais vertical e uma mais horizontal...

Busca de caminho

Pelo processo histórico, percebemos que se fez do Corpo-Sexualidade e da espiritualidade duas fontes distintas. A primeira, como dependendo do ser humano, e a segunda como estando além dele, dependente do divino, chegou-se a considerá-las quase antagônicas, como se um prejudicasse o outro. Com isso deturparam-se ambas as concepções.

Se considerarmos nosso ser gente (corpo-sexualidade) como parte da criação e com sua fonte em Deus, não podemos dissociar o corporal e o espiritual, que são uma mesma realidade, parte de um mesmo todo. Mais ainda, se aceitarmos a encarnação de Jesus Cristo como Deus feito gente, ou Deus-corpo-sexualidade, aceitamos consequentemente a divinização da corporeidade, e a mútua participação entre o divino e o humano.

Assim somos seres espirituais em nosso todo, corpo e espírito e somos sexualidade em nosso todo, convidados a valorizar essa energia vital em nosso modo de

falar, de sorrir, de sentir, de nos tocar, de nos comprometer etc... E com essa compreensão de nós mesmos, adquirimos uma mística na qual reconhecemos estar fazendo a Deus o que fazemos com as pessoas e a criação, ou seja, quanto mais íntima e visceral for nossa relação com as pessoas, mais digna, respeitosa e íntima será nossa relação com Deus e vice-versa.

Recuperaremos a pureza de nossas relações, superando em nós o desejo de posse e sendo gratuitos, faremos de nossos encontros momentos de ternura, justiça e cordialidade e daremos sadia vazão a nossa sensualidade, expressão de nossa sexualidade.

A partir do reconhecimento dessa integralidade e comunhão entre o divino e o humano, nossas intimidades serão celebração do amor que faz feliz e não mais egoísmo e autossatisfação, que nos tornam objeto um para o outro. Estaremos indo além do moralismo que nos faz ver o mal em tudo e considerar “feio” o que é parte do projeto de Deus e tão presente e desejado por cada pessoa. Descobriremos um prazer mais completo e duradouro, pois a

sensação será de liberdade partilhada, com sabor de vitória e será um apelo para mais entrega e serviço a outrem.

Não queremos com isso criar nova diferenciação entre o eu e o outro, mas reconhecer que, quando cada um de nós ama a outrem, está amando a si mesmo e amando a Deus que é a fonte deste amor.

É o caminho da recuperação da nossa identidade como humano-divinos.

O prazer será tão mais profundo e duradouro quanto mais gratuito e partilhado.

A relação sexual será mais do que satisfação, será respeito dialogal de corpos e mentes que construirão juntos os seus ápices e farão do orgasmo uma experiência de profunda comunhão, de espiritualidade, desta comunhão que é Deus, muito mais realizadora, convite para mais partilha, com capacidade de perdão e de compreensão profunda.

Estar apaixonado por alguém ou por Deus é a melhor sensação do mundo, torna tudo fácil, faz o jugo ser

suave e o peso leve e enche a vida de perspectivas, é expressão do divino, do infinito, com desejo de ser eterno. Por isso, somos convidados a viver apaixonadamente.

Ao recuperar esta relação próxima, esta pertença entre corpo-sexualidade e o divino-espiritualidade, certamente vamos recuperar a sensibilidade, a humildade e o cuidado que revelam uma mística em nossas relações. E seremos capazes de indignar-nos com as injustiças e de mobilizar-nos para recuperar um espaço digno para cada pessoa e, sobretudo, seremos companheiros de caminhada com quem estava só e esquecido.



Fonte: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/mulher-conta-como-enfrenta-pre-conceito-contra-marido-filho-cadeirantes-amor-supera-21476310.html>

ESPIRITUALIDADE E MÍSTICA NA FRATER

Nosso movimento não surgiu por decreto ou por decorrência de uma doutrina ou religião, mas surgiu como FRUTO DE UMA PRÁTICA concreta de Pe. François. A prática de ser, de estar, de ter cuidado com o próximo. Pe. François, também doente crônico, optou por servir, por amar a Deus, colocando sua vida a serviço das pessoas que precisassem e quisessem sua colaboração. Desenvolveu um modo de ser humilde e na gratuidade, se colocou como socorro e defensor a quem precisasse, motivado pelo espírito do Evangelho. Este modo de ser e de agir se constituiu em um caminho de espiritualidade e transmitiu uma mística contagiante, envolvente. Não foi autoridade que impusesse as coisas, foi um irmão preocupado com os irmãos. Neste espírito, convidou outros a serem também irmãos, irmãs, a darem sentido à sua vida pelo serviço aos demais. Ele foi ao encontro e depois convidou a outros a

irem ao encontro. Essa foi sua inspiração simples e despre-
tensiosa. À semelhança de Deus que se fez gente para vir
participar de nossa humanidade por puro amor, Pe. Fran-
çois optou por partilhar, de forma respeitosa, a vida de
quem sofre.

Dessa inspiração e ação concreta, nasceu um movi-
mento, que desde o início, tem claro que sua força não
está em leis, mas na sua prática. Prática de visitas e conta-
tos pessoais, de diálogo respeitoso, de escuta, de relações
sinceras e transparentes. Prática que tomou forma no tra-
balho em equipe, no acolhimento das diferenças, na parti-
lha da vida, dentro das possibilidades e jeitos de cada um.
Na evolução e no andar desse movimento, permanece o
convite para caracterizar-nos por um máximo de espírito e
um mínimo de estruturas. Por isso nosso movimento é di-
nâmico e aberto.

Para manter esse espírito, nós nos convidamos e
nos motivamos a cultivar a Espiritualidade e a Mística da
Fraternidade.

Qual é a nossa Espiritualidade?

Partimos do princípio de estar fundamentado no espírito do Evangelho. Isto significa ter como referência a espiritualidade de Jesus Cristo. Em Jesus a espiritualidade parte do saber-se Filho de Deus, em ter uma relação filial com o divino, o transcendente. Em sentir e experimentar a relação com Deus como Pai-Mãe, numa intimidade confiante, numa certeza de ser reconhecido e aceito tal qual é, e que se traduzia no seu modo de orar “Pai, que queres que eu faça? ”. Tinha a Vontade do Pai como a orientação de sua vida. Na prática isso se traduziu nas relações, no modo de ser de Jesus. Valendo-nos do escrito por L. Boff, no livro citado acima, Jesus “Assume tudo o que é radicalmente humano. Chora ao expressar a tristeza pela morte do amigo Lázaro. Entretém amizade com duas mulheres, Marta e Maria, e com Maria Madalena, chamada de sua companheira, por mais escandaloso que isso fosse naquele tempo. Enche-se de ira sagrada quando vê o espaço sagrado sendo transformado em mercado. Mas, também

se enche de indizível ternura ao abraçar as crianças... Um Deus que encontramos dentro de nós e de nosso cotidiano, sem precisar buscá-lo aqui e ali, mas buscá-lo em nossa interioridade”. Uma espiritualidade que “vive da gratuidade e da disponibilidade... vive da honradez em face da realidade e da escuta da mensagem que vem permanentemente dessa realidade. Quebra a relação de posse das coisas para estabelecer uma relação de comunhão com elas. Mais do que usar, contempla.”

Uma espiritualidade de perdão, de respeito à liberdade e de, com um senso de justiça, ir ao encontro e de reconhecer, na valorização e na devolução da autoestima, àqueles que estavam a margem da vida, da dignidade e da sociedade de seu tempo. Nossa espiritualidade identifica-se no amor, na amizade, na partilha da vida, no querer o bem do outro e no reconhecimento que temos, e que Pe. François viveu na sua prática, isto é, que o amor a Deus passa pelo amor aos irmãos. Como membros da Frater cada um de nós é responsável pelo cultivo e pela vivência

concreta dessa espiritualidade e deverá procurar a maneira melhor de, junto com seu grupo, conhecê-la, aprofundá-la e vivê-la.

Qual é nossa Mística?

A partir desta espiritualidade, a nossa mística é caracterizada por atitudes de ser IRMÃO e AMIGO. Que assim como se degusta o sabor de algo, quem nos vê sinta em nosso modo de ser e de atuar que existe em nosso agir algo mais do que o simples ato. Assim como os primeiros cristãos eram reconhecidos pelo seu modo de ser um com o outro, nós também sejamos reconhecidos na maneira amorosa, gratuita de nos relacionarmos. Isso implica em cultivarmos a sensibilidade, o desejo de servir e de ver o outro bem, em superar todo julgamento e condenação para, na confiança, nos colocarmos a caminho com os que encontramos. É verdade que isso também supõe que nos trabalhemos pessoalmente no sentido de nos aceitarmos como somos, de nos amarmos como somos, superando

preconceitos e a comparação com os “modelitos” que nos são impostos para, com os pés no chão, fazermos nossa parte na transformação global que se faz necessária. Inclui também vencer a necessidade de fazer comparações, pois ninguém é melhor que ninguém, todos somos diferentes com capacidades e limitações, e o que realmente importa é que cada um faça sua parte e do seu jeito na busca deste objetivo comum de construir a Fraternidade (vida de irmãos). Não serão leis ou normas que irão dar ou tirar esta dimensão mística que vem do mais profundo da inspiração de Pe. François.

Contribuirá também para a vivência desta nossa mística se fizermos um sincero esforço de sair do negativismo e de aprender a olhar para nós mesmos e para quem encontrarmos, buscando captar e valorizar o que há de positivo em cada um/a. Não nos ajuda em nada ficar preso ao menos bom, não traz alegria e muito menos ajuda a avançar. Jesus não veio apontar o pecado, veio convidar a nos levantar e a seguir em frente, “Levanta-te e anda” este é o seu convite e é o nosso lema.

Sabemos que somos capazes de amar, por isso amamos sem medo de ser felizes!

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**: Um Caminho de Transformação. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade -1**: A Vontade de Saber. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003

_____. **História da sexualidade -2**: O Uso dos Prazeres. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **História da Sexualidade -3**: O Cuidado de Si. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GRÜN, Anselm. **Mística e Eros**. Curitiba: Lyra Editorial, 2002.

MOSER, Antonio. **O Enigma da Esfinge**: A Sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2001.

REFERÊNCIA DAS IMAGENS

AM BLOG. Embu das Artes: Editora Ave-Maria, 2019. Disponível em: <https://blog.avemaria.com.br/blog/santos-da-igreja-espiritualidade/tudo-sobre-sao-francisco-de-assis-61>. Acesso em: ago.2021

BBC NEWS. São Paulo: BBC no Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50906016>. Acesso em: ago. 2021.

CFFB – Conferência da Família Franciscana do Brasil. Brasília: CFFB, 2019. Disponível em <https://cffb.org.br/a-fraternidade-na-visao-de-sao-francisco-de-assis/>. Acesso em: ago. 2021.

JÚ ZANELATTO PHOTOGRAPHIA. Rio de Janeiro: Extra, 2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/mulher-conta-como-enfrenta-preconceito-contramarido-filho-cadeirantes-amor-supera-21476310.html>. Acesso em: ago. 2021.



ISBN: 978-65-88060-16-2

ad



9 786588 060162